

DESCRIÇÃO ZOLÓGICA E INTERTEXTUALIDADE NA POESIA DIDÁTICA ROMANA: VIRGÍLIO E *CINEGÉTICOS*

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais

matheustrevizam2000@yahoo.com.br

RESUMO

Neste artigo, pretendemos refletir sobre como Grácio Falisco (poeta didático e contemporâneo de Ovídio) descreveu um espécime canino da raça dos *metagontes* (*Cynegeticon* 269-278). Além disso, tentamos analisar o jogo intertextual entre os *Cynegetica* de Nemesiano, vv. 243-250, e *Geórgicas* III, 75-88, uma vez que ambos os trechos lidam com a anatomia externa de equinos. Assim, sempre considerando os trabalhos desses poetas de caça diante do pano de fundo identificado com o livro III das *Geórgicas* de Virgílio, será possível observar tendências composicionais de cada autor didático envolvido.

Palavras-chave: descrição; intertextualidade; caça; poesia didática.

ABSTRACT

Grattius Faliscus was a poet that composed didactic poetry and lived at the same time as Ovid. This paper aims to reflect upon the description he made of a dog from the breed *metagontes* (*Cynegeticon* 269-278). Besides that, another objective of this work is to analyze the intertextual relationship between Nemesianus' *Cynegetica* 243-250 (3rd century C.E.) and Virgil's *Georgics* III, 75-88, since both these excerpts describe the external anatomy of equines. Thus, considering the works of these authors of poetry on hunting in relation to the background identified with the book III of Virgil's *Georgics*, we believe that it will be possible to observe compositional tendencies of each author of didactic poetry involved.

Keywords: Description; Intertextuality; Hunting; Didactic Poetry.

INTRODUÇÃO

O intento desta exposição é refletir sobre a abordagem de certos tipos animais nas obras *Geórgicas* de Virgílio (livro III), *Cynegeticon* de Grácio Falisco (séc. I a.C./I d.C.) e *Cynegetica* de Marco Aurélio Olímpio Nemesiano (séc. III d.C.). Por “abordagem”, aqui entendemos os modos de as duas primeiras obras procederem ao tratamento descritivo para cavalos e cães (de caça); ainda, como os *Cynegetica* (vv. 243-250) dialogam com o intertexto das *Geórgicas* (III, 75-88), quando tematizam equinos em gesto de “correção” de Virgílio.

Dessa maneira, a visão aos pares desses três poemas, segundo o formato analítico citado, há de permitir-nos entender como seus autores construíram significados textuais ao tratarem dos tipos animais envolvidos.

Não será sem propósito, nesta introdução, lembrar que o livro III das *Geórgicas* (publicação em 29 a.C.) concentra, no conjunto do “poema da terra” de Virgílio, a tematização sobre os animais domésticos de algum emprego nos campos itálicos. Tais espécies são, além dos cavalos e bovinos (vv. 49-283), as ovelhas e caprinos (vv. 295-403) e, em muito menor medida, os cães (v. 44; v. 345; v. 371; vv. 404-413; v. 496; v. 540). A quarta parte do poema, como se recordam seus leitores, focaliza o mundo ao mesmo tempo social e diminuto das abelhas, a ponto de alguns terem chegado a ver nelas uma espécie de imagem aproximada da sociedade romana (GRIFFIN, 1979, p. 68).

Quanto ao *Cynegeticon* de Grácio, obscuro autor dos tempos de Augusto,¹ importa dizer que é a primeira contribuição de que temos notícia, nas letras de Roma, a concentrar-se nos assuntos de caça. A obra comporta, assim, o total de 541 hexâmetros, repartidos entre os tópicos técnicos da aparelhagem para caça (vv. 38-149); dos cães de emprego com essa mesma finalidade (vv. 150-496); dos cavalos (vv. 497-541). Tem-se, aqui, um texto com caráter eminentemente técnico por seu nível do detalhamento expositivo (MOYA, 2007, p. 465) e pela preocupação em transmitir muitos saberes práticos aos caçadores. Contudo, a própria dificuldade de dar tratamento literário ao tema escolhido resulta por vezes, no *Cynegeticon*, em falhas como “obscuridade, prosaísmo e falta de decoro”,² de forma que nas partes técnicas do texto, ou seja, naquelas alheias ao proêmio e às digressões, amiúde haja rendimento poético inferior.

Nos *Cynegetica* de Nemesiano, enfim, divisamos um poema didático incompleto sobre os mesmos assuntos de caça da obra supracitada de Grácio: então, seus tópicos temáticos essenciais, depois de um longo proêmio que se estende de v. 1 a v. 102, são os cachorros (vv. 103-239); os cavalos (vv. 240-298); as redes de caça (vv. 299-320); a época de partir para as expedições de captura (vv. 321-325). Justamente, é bastante sintomático do caráter de incompletude dos *Cynegetica*, como hoje se nos apresentam, o fato mesmo de o texto agora se encerrar... bem no ponto em que seu autor se prepara para o começo da abordagem prática das incursões de caça.³

¹ Em *Epístolas do Ponto* IV, XVI, 34, o poeta Públio Ovídio Nasão entretanto registra, como se o conhecesse ou tivesse lido: *aptaque uenanti Grattius arma daret* (“e Grácio daria armas apropriadas ao caçador” – trad. M. Trevizam).

² Moya, 2007, p. 466: “obscuridad, prosaísmo y falta de decoro” (trad. M. Trevizam).

³ Nemesiano, *Cynegetica* 324-325: *Venemur dum mane nouum, dum mollia prata/ nocturnis calcata feris uestigia seruant.* – “Cacemos enquanto a manhã é nova, enquanto os prados/ suaves conservam as pegadas impressas por feras noturnas” (trad. M. Trevizam).

AS DESCRIÇÕES ZOOLOGICAS EM *GEÓRGICAS* III (VV. 75-88) E
NO *CYNEGETICON* (VV. 269-278) DE GRÁCIO FALISCO

Tendo como fator decisivo para o “recorte” dos trechos analisados neste subitem da exposição a utilidade, sob um ponto de vista aproximativo entre os dois textos, de privilegiarmos descrições zoológicas feitas por Virgílio, em *Geórgicas* III, e por Grácio Falisco, em *Cynegeticon*, que versem somente a respeito de cavalos ou cães (por serem esses os únicos tipos de animais domésticos recobertos por Grácio!), também nos baseamos, para tanto, na boa extensão e expressividade dos excertos aqui comentados,⁴ a fim de favorecermos o entendimento de traços associáveis ao modo descritivo de cada poeta.

No tocante ao cuidado com as descrições de animais domésticos em obras de caráter técnico compostas na Grécia e em Roma antigas, é útil apenas acrescentar, antes do efetivo exame dos trechos escolhidos, que os poemas didáticos aqui em pauta não são, de modo algum, os pioneiros. J. K. Anderson (1985, pp. 43-44), desse modo, lembra-se de uma detalhada descrição presente no tratado que se identifica com o *Cynegeticon* IV, 1-8 de Xenofonte de Atenas (séc. V-IV a.C.), mesclando a apresentação de dados de ordem física e comportamental ao focalizar a raça dos cães “de Cástor”. Por outro lado, uma das principais fontes técnicas das *Geórgicas* de Virgílio, o *De re rustica* de Varrão de Reate (séc. I a.C.), já continha apuradas descrições anatômicas de equinos (II, VII, 5-6) e cães de guarda (II, IX, 3-5), por exemplo.

Isso dito, Virgílio, que não se ocupa em absoluto de descrever extensamente os cães em *Geórgicas* III, procede, no entanto, a expressivas e

⁴ Com efeito, em *Geórgicas* III, 404-413, Virgílio comenta do modo mais extenso, nesse livro do poema, o uso de cães como os “velozes de Esparta” (*uelocis Spartae*, v. 405) e o “persistente Molosso” (*acremque Molossum*, v. 405). Tais adjetivos em destaque, porém, correspondem aos únicos do excerto considerado que se aplicam a descrever os cachorros. Assim, o mesmo excerto jamais se configurou como acurada descrição de cães em emprego para guardas de uma propriedade rural, ou “instrumentos” de caça. Por sua vez, entre vv. 497-541, Grácio Falisco inicia o tratamento temático da espécie equina, de modo que apenas perpassa, em 45 versos, algumas raças e poucos de seus atributos físicos ou, sobretudo, comportamentais. O caráter fragmentado e brevíssimo da maneira como o poeta menciona ali as características de muitas raças de cavalos oriundas de várias partes do mundo, no entanto, também não basta para que se tenha, no todo desse excerto final de *Cynegeticon*, apurada descrição de nenhuma delas. Veja-se, como exemplo, *Cynegeticon* 525-528: *Quid tum, si turpia colla/ aut tenuis dorso curuatur spina? Per illos/ cantatus Graiis Acragas uictaeque fragosum/ Nebroden liquere ferae* – “E então, caso o colo for feio/ ou a fina espinha se curvar no dorso? Devido a esses,/ Acragante foi celebrado pelos gregos e as feras, vencidas,/ deixaram o Nebrodes fragoso” (sobre certa raça equina de emprego na Sicília – trad. M. Trevizam).

mais desenvolvidas descrições de animais de maior porte, como o são a vaca (vv. 51-59) e, sobretudo, o cavalo (vv. 75-88), nesse mesmo livro:

Logo o potro de boa raça marcha mais altivo 75
nos campos e avança as pernas flexíveis. Primeiro
ousa pôr-se a caminho, experimentar rios ameaçadores
e entregar-se a uma ponte desconhecida, nem se apavora
com ruídos sem importância. Tem a nuca alta
 e a cabeça afilada, o ventre pequeno, o dorso gordo, 80
 o peito intrépido abunda em músculos. Bons os baios
 e de olhos verdes, a pior cor têm os brancos e o cinza-escuro.
Então, se em algum ponto ao longe as armas ressoaram,
não sabe parar no lugar, remexe as orelhas, faz tremer
os membros e, fremente, revolve sob as narinas o fogo recolhido.
 A crina é densa e pende lançada na espádua direita;
 mas a espinha se estende dos dois lados pelos lombos 87
 e a pata escava a terra e ressoa forte com o casco duro.⁵
 (VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 75-88)

O que sobressai no trecho virgiliano citado, parece-nos, é a atenção de Virgílio em oferecer traços “éticos” ou comportamentais do jovem potro. Entre v. 75 e a metade de v. 79, com efeito, o poeta aborda características nesse âmbito que podem ajudar a distinguir um animal de boa raça de outro medíocre: então, ele marcha “mais altivo” (*altius*, v. 76) nos campos, “avança as pernas flexíveis” (*mollia crura reponit*, v. 76) e “ousa, em primeiro lugar, pôr-se a caminho, experimentar rios ameaçadores e entregar-se a uma ponte desconhecida” (*primus et ire uiam et fluuios tempere minantis/ audet et ignoto sese committere ponti*, vv. 77-78); ademais, esse mesmo potro de raça “não se apavora com ruídos sem importância” (*nec uanos horret strepitus*, v. 79).

Evidentemente, divisamos aqui traços em nexos com o fator “ético” da coragem de um bom animal, que o faz manifestar desde jovem ímpeto, não receio, mesmo diante de situações novas e, talvez, um tanto intimidadoras para os fracos. Ao pronunciar-se quanto à peculiar seleção dos tipos animais focalizados por Virgílio em *Geórgicas* III, Alexander Dalzell (1996, p. 107) apresentou reflexões que cremos de utilidade para o entendimento do modo como Virgílio construiu, nos termos supracitados, sua descrição da espécie equina. O crítico nota, então, que não apenas esse poeta “eliminou” a

⁵ Virgílio, *Geórgicas* III, 75-88: *Continuo pecoris generosi pullus in aruis/ altius ingreditur et mollia crura reponit./ Primus et ire uiam et fluuios temptare minantis/ audet et ignoto sese committere ponti/ nec uanos horret strepitus. Illi ardua ceruix/ argutumque caput, breuis alius obesaque terga,/ luxuriatque toris animosum pectus. Honesti/ spadices glaucique; color deterrimus albis/ et giluo. Tum, si qua sonum procul arma dedere,/ stare loco nescit, micat auribus et tremit artus/ collectumque fremens uoluit sub naribus ignem./ Densa iuba et dextro iactata recumbit in armo;/ at duplex agitur per lumbos spina, cautaque/ tellurem et solido grauius sonat ungula cornu* (trad. M. Trevizam).

tematização sobre espécies de grande utilidade e presença na economia rural da Itália antiga, a exemplo dos asnos e burros, mas ainda deu, em *Geórgicas* III, grande destaque a um tipo animal – justamente os equinos – de muito mais reduzido emprego na lida cotidiana daquele mesmo ambiente. Em seu entender, isso se deve a que Virgílio tenha desejado atribuir “tratamento épico” aos cavalos que inclui no rol dos seres tematizados pela preceituação do *magister* didático das *Geórgicas*, como se, dessa forma, os humildes assuntos agrícolas do poema pudessem ceder espaço a alguma dignificação, inclusive de gênero literário.⁶

A impressão de que seu autor estabelece deliberadamente laços entre uma destacada “personagem” de sua empresa agrícola, ou seja, o potro de valor, e o universo mais sublime da épica continua entre vv. 83-85: ali, depois de mencionar de modo explícito as “armas” (*arma*, v. 83), ele de novo esboça os traços “éticos” desse animal não em termos da covardia, mas de uma impaciência para seguir à guerra que se traduz inclusive pelo “remexer das orelhas” (*micat auribus*, v. 84), pelo tremor dos membros (*tremet artus*, v. 84) e pelo gesto de “revolver, sob as narinas, o fogo recolhido” (*uoluit sub naribus ignem*, v. 85). A associação entre os equinos e o elemento ígneo ainda prossegue, no mesmo livro III das *Geórgicas*, em v. 107 – “voa com força o eixo fervente” (*uolat ui feruidus axis*) –, em um contexto no qual, disparados no páreo de bigas pelo circo, cavalos e cavaleiros chegam a confundir-se em seu afã de vencer a disputa:

112. tantus amor laudum: como em 4.205 ‘tantus amor florum’, a frase oferece o ensejo para uma demonstração de heroísmo pela criação bruta. Deixa-se a nós mesmos perceber que, embora tenhamos ouvido sobre *currus* e *iuuenes*, devemos agora pensar em cavalos; mas, se os Antigos identificavam cavalos e auriga na medida em que pensamos em cavalo e jockey juntos em uma corrida, não parece difícil.⁷

⁶ Dalzell, 1996, p. 107: “But the charge of superficiality in none the less fair. Not only are essential points omitted, but the selection is itself strange. The horse was not an important animal on the Italian farm; yet it is given epic treatment, while the useful mule and donkey are passed over”. – “Mas a acusação de superficialidade é, todavia, justa. Não só pontos essenciais são omitidos, como a própria seleção é estranha. O cavalo não era um animal importante na fazenda itálica; entretanto, dá-se-lhe tratamento épico, enquanto os úteis asno e burro são omitidos” (trad. M. Trevizam).

⁷ Virgílio, 2003, p. 199: “112. tantus amor laudum: as in 4.205 ‘tantus amor florum’, the phrase gives the reason for a display of heroism by the brute creation. We are left to realize by ourselves that, though we have heard about *currus* and *iuuenes*, we are now to think of the horses; but if the Ancients identified horses and charioteer to the degree to which we think of horse and jockey together in a race, this need not be difficult” (comentário de R. A. B. Mynors às *Geórgicas* – trad. M. Trevizam).

Modulações genéricas entre a épica heroica e a poesia didática à parte, diga-se de passagem que os dados acima não nos apresentam os únicos pontos das *Geórgicas* a promoverem aproximações do universo agrário virgiliano com a experiência da guerra. Conforme notado por um comentador do poema (MILES, 1980, p. 87), dessa maneira, os instrumentos agrícolas – foice, ancinho, enxada etc. – são invulgarmente chamado *arma* pelo poeta, e o “herói” maior que em geral se focaliza aqui, o *agricola* itálico, não deixa de apresentar semelhanças, por suas atitudes, inclusive com a violência que pode caracterizar um guerreiro.⁸ No tocante à caracterização desse tipo humano e de seus pertences (instrumentos agrícolas e cavalo), assim, entendemos que Virgílio aproxima vida rural e belicosidade, no poema didático em pauta, inclusive em rememoração do fato de que, no passado, o ideal do cidadão romano de coragem correspondera à figura do soldado-agricultor, tal como se evoca no proêmio do *De agri cultura* catoniano.⁹

Tornando ao exame da configuração descritiva do potro em *Geórgicas* III, da segunda metade de v. 79 até v. 82 o poeta nos oferece, pela primeira vez, um conjunto de características em relação com o físico esperado de um animal de escol: são elas, portanto, a “nuca alta” (*ardua ceruix*, v. 79); a “cabeça afilada” (*argutumque caput*, v. 80); o “ventre pequeno” (*brevis aluos*, v. 80); o “dorso gordo” (*obesaque terga*, v. 80); “um peito intrépido que abunda em músculos” (*luxuriatque toris animosum pectus*, v. 81). Essa mesma passagem também se direciona para o aspecto da cor, vindo ele a favorecer os “baios” (*spadices*, v.

⁸ Virgílio, *Geórgicas* III, 468-469: *Continuo culpam ferro compesce, priusquam/ dira per incautum serpent contagia uolguis*. – “Logo lhe reprime o mal a ferro, antes de/ o terrível contágio insinuar-se pelo rebanho desprevenido” (trad. M. Trevizam). Veja-se, sobre a passagem, comentário de R. F. Thomas [1997, pp. 128-129]: “**continuo culpam ferro compesce**: cf. 453-4 (and n.) *ferro... rescinde summum/ ulceris os*. The surgery has now become extreme; though the wording is ambiguous, *culpam*, as the next line shows, refers to the infected animal which must be killed to preserve the rest of the flock. Some take the words as a further reference to the removal of the sores. *compesco* denotes vigorous and violent suppression, as at 2.369-70, the only other instance in V.” – “**continuo culpam ferro compesce**: cf. 453-4 (e n.) *ferro... rescinde summum/ ulceris os*. A cirurgia tornou-se, agora, extrema; embora o vocabulário seja ambíguo, *culpam*, conforme mostra o próximo verso, refere-se ao animal infectado que deve ser morto para preservar o resto do rebanho. Alguns tomam as palavras como uma referência adicional à remoção das chagas. *compesco* denota supressão vigorosa e violenta, como em 2.369-70, a única outra ocorrência em V.” – trad. Matheus Trevizam].

⁹ Catão, *De agri cultura* (proêmio): *At ex agricolis et uiri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur; maximeque pius quaestus stabilissimusque consequitur minimeque inuidiosus, minimeque male cogitantes sunt qui in eo studio occupati sunt*. – “Mas, dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor” (trad. M. Trevizam).

82), em detrimento dos “brancos” (*albis*, v. 82) e dos “cinza-escuros” (*gilio*, v. 83).

Entre v. 86-88, fica-se sabendo de qualidades referentes a mais três partes do corpo dos cavalos, pois “a crina é densa e pende lançada na espádua direita” (*densa iuba et dextro iactata recumbit in armo*, v. 86), “a espinha se estende dos dois lados pelos lombos” (*duplex agitur per lumbos spina*, v. 87) e “a pata escava a terra e ressoa forte com o casco duro” (*cauatque/ tellurem et **solido** grauitet sonat unguia **cornu***, vv. 87-88). Note-se que, ainda nessa parte da descrição anatômica virgiliana, persiste a tendência a não abandonar o enfoque “comportamental” no tratamento das características equinas: na verdade, se a pata “escava a terra” e “ressoa forte”, por um lado depreendemos algo como o ímpeto do animal em jogo; por outro, que se trata de um potro a agir com razoável decisão no tocante a seus gestos físicos.

O exame das práticas descritivas no *Cynegeticon* de Grácio Falisco revelamos, por sua vez, um direcionamento compositivo algo distinto daquele que temos comentado para as *Geórgicas* virgilianas. Na verdade, embora esse outro poeta didático verse com alguma extensão, explicamos, sobre os cães de caça (vv. 150-496) e os cavalos (vv. 497-541), nitidamente sua abordagem do último tipo zoológico não se encontra completa no texto como agora disponível para os leitores modernos.¹⁰ Desse modo, fazendo jus ao próprio título de sua única obra conhecida, a qual contém em si a raiz grega associável à espécie do “cão” (*kýon*), o autor realiza sua mais desenvolvida descrição para a raça canina dos metagontes,¹¹ em um contexto de recomendação da escolha de espécimes dotados de certas características físicas vantajosas, com fins reprodutivos:

Seja **alta** a face, sejam as orelhas **felpudas** nas frentes,
 seja a boca **grande** e, com **espaçosas** narinas, respirem **vivas** 270
 chamas; e que ventres **estreitos** cinjam as entranhas,
 seja a cauda **curta**, os lados **alongados**, a pelagem **repartida**
 ao colo, **não penteada** em demasia, nem por si **intolerante**
 ao frio; e então se erga o peito de membros **vigorosos**, sendo
 capaz de inspirar fundo e de ainda bastar a **grande** alento. 275
 Foge do que espalha suas passadas com pata **larga**:

¹⁰ Moya, 2007, p. 465: “La última parte (502-541), no completa y que va precedida de una breve transición (497-501) sobre la necesidad de tratar también de los caballos relacionados con la cacería, consiste en pasar revista a las distintas razas, acabando con un texto bastante mutilado”. – “A última parte (502-541), não completa e que é precedida por uma breve transição sobre a necessidade de tratar também dos cavalos relacionados à caça, consiste em passar revista às diferentes raças, acabando com um texto bastante mutilado” (trad. M. Trevizam).

¹¹ Metagontes: Verdière [1964, p. 292 (vol. II)] relaciona o nome desta raça ao verbo grego *metágein* (“seguir de perto”), entendendo que o animal em jogo corresponderia a uma espécie de sabujo (em francês, “limier”) que “conduit le chasseur sur la bonne voie”. – “põe o caçador no caminho certo” (trad. M. Trevizam).

é **mole** para o dever. Eu gostaria de pernas **resistentes**, com **firmes** músculos, e de pés **duros** para tais certames.¹² (GRÁCIO, *Cynegeticon* 269-278)

Entre vv. 269-271, Grácio procede a um movimento descritivo que se desloca, sistematicamente, da parte dianteira do animal (“face” – *uultus* –, v. 269) para a traseira (“cauda” – *cauda* –, v. 272). Nesse ínterim, desperta a atenção um detalhe a conter alguma semelhança com a descrição transcrita acima, sobretudo “ética”, do potro virgiliano: referimo-nos ao fato de que, similarmente aos espécimes caninos da raça dos metagontes considerados merecedores, por Grácio, de passarem adiante suas características físicas através da reprodução,¹³ aquele tipo animal também fora mostrado por Virgílio no ato de respirar, “sob as narinas, o fogo recolhido” (*collectumque... sub naribus ignem*, v. 85). Na verdade, essa imagem provavelmente fora tomada, por Virgílio, de Lucrécio (*De rerum natura* V, 30: *et Diomedis equi spirantes naribus ignem* – “e os cavalos de Diomedes que respiram fogo pelas narinas”), evidenciando-se assim toda uma cadeia intertextual interna à poesia didática latina.

A partir de v. 272, traços como os “lados alongados” (*longum latus*, v. 272), uma “pelagem” (*caesaries*, v. 273) que não é, “por si, intolerante ao frio” (*neu frigoris illa/ impatiens*, vv. 273-274), um “peito a erguer-se de membros vigorosos” (*ualidis tum surgat pectus ab armis*, v. 274), “capaz de inspirar fundo e de ainda bastar a grande alento” (*quod magnos capiat motus magnisque supersit*, v. 275), “pernas resistentes, com firmes músculos” (*siccis... dura lacertis/ crura*, vv. 277-278) e “pés duros” (*solidos... calces*, v. 278) ajudam a complementar o gesto descritivo do autor. Com exceção do modo específico de esse animal caminhar (*effuge qui lata pandit uestigia planta* – “foge do que espalha suas passadas com pata larga”, v. 276), as demais características do trecho compreendido não se referem tanto, à diferença do que antes enfatizamos para a passagem de *Geórgicas* III, a aspectos de comportamento ou *éthos*, pois sobretudo se vinculam à anatomia externa dos “bons” metagontes. Isso contribui para dotar o trecho do *Cynegeticon* em questão de face, decididamente, visual, como atestaria bem uma notória “boca grande” (*os magnum*, v. 270), em contraste com uma “cauda curta” (*cauda brevis*, v. 272), por exemplo.

¹² Grácio, *Cynegeticon* 269-278: *Sint celsi uultus, sint hirtae frontibus aures,/ os magnum et patulis agitato naribus ignes/ spirent, adstricti succingant ilia uentres,/ cauda brevis longumque latus discretaque collo/ caesaries neu pexa nimis neu frigoris illa/ impatiens; ualidis tum surgat pectus ab armis./ quod magnos capiat motus magnisque supersit./ Effuge qui lata pandit uestigia planta:/ mollis in officio. Siccis ego dura lacertis/ crura uelim et solidos haec in certamina calces* (trad. M. Trevizam).

¹³ Grácio, *Cynegeticon*, 270-271: (...) *et patulis agitato naribus ignes/ spirent* – “(...) e, com espaçosas narinas, respirem vivas/ chamas” (trad. M. Trevizam).

No conjunto, o trecho de Grácio sob exame recorre, sobretudo, à referência a muitas partes do corpo dos metagontes – detalhamento – e a ampla adjetivação, atendendo assim a critérios associáveis à *ékphrasis/descriptio*.¹⁴ Na verdade, sendo condição indispensável para a obtenção desse efeito que o objeto, ser ou evento descrito seja-o de modo a manifestar-se a *enárgeia/euidentia* (“vividez”), entendemos que isso ocorre entre vv. 269-278 de *Cynegeticon* porque o aspecto gráfico do trecho, em sua tentativa de esboçar um retrato preciso dos metagontes (literalmente, “de cabo a rabo”, ou sem nada omitir!),¹⁵ atribui caráter vívido e evocativo, para a imaginação, do tipo de cachorro sobre o qual se fala.

Evidentemente, tal categorização também se aplica ao trecho virgiliano transcrito acima, mas a diferença entre a prática descritiva de um e outro autor, ressaltamos, dá-se na medida em que, enquanto o autor das *Geórgicas* concede amplo espaço à abordagem de traços de comportamento – ou “éticos” – do potro de valor, Grácio preferiu, como dissemos, antes de mais nada ater-se a descrever a anatomia dos metagontes “dignos” de reproduzir-se, por suas “boas” qualidades físicas. Além disso, ao menos de maneira embrionária, apenas a passagem de Virgílio de que tratamos se envereda pela descrição do espaço¹⁶ onde interage o animal focalizado, com mínimas menções entrelaçadas aos “rios ameaçadores” (*fluuios... minantis*, v. 77), às “pontes desconhecidas” (*ignoto... ponti*, v. 78) e aos ruídos das armas (*si qua sonum procul arma dedere*

¹⁴ Morganti, 2008, p. 2: “Quintiliano, no livro IX das suas *Instituições Oratórias*, assim define a *descriptio*, subordinando-a à *euidentia*: *Illa vero, ut ait Cicero, sub oculos subiectio tum fieri solet, cum res non gesta indicatur, sed ut sit gesta ostenditur, nec uniuersa sed per partes. Quem locum proximo libro subieciimus euidentiae, et Celsus hoc nomen isti figurae dedit* (com tradução da autora para *Institutio oratoria* IX 2, 40: ‘De fato, aquela figura, como afirma Cícero, costuma efetivar-se quando a coisa é lançada sob os nossos olhos, não quando nos indica o fato simplesmente, mas de tal modo que o exponha diante dos nossos olhos; não de forma geral, mas em detalhes. Esta figura, no último livro, subordinamos à *euidentia*, e este foi o nome que lhe deu Celso’).”

¹⁵ Brunhara, 2015, pp. 52-53: “Levando em conta a definição de *enárgeia* proposta por certos manuais de retórica (refiro-me especificamente à obra *Sobre o Estilo* de Demétrio), é característica da *enárgeia* a descrição precisa e detalhista, onde são mencionadas todas as circunstâncias de um fato e nada se omite (Demetr. *Eloc.* 209): (...) ‘Primeiro, [tratemos] da vividez [*enárgeia*]: ela ocorre, em primeiro lugar, em consequência de um discurso rigoroso, que não omite nem corta nada, por exemplo: ‘Como quando um homem desvia a corrente da água...’ (*Il.* 21.257), e toda essa comparação. Pois se tem a vividez ao falar de todo o acontecimento, e não deixar nada omitido”.

¹⁶ Como se lembra Melina Rodolpho (2014, p. 96), as descrições retoricamente construídas podem ser mistas, ou seja, envolver a delimitação dos traços de mais de um componente: “Teão cita ainda, no §119, que a *écfrase* pode ser mista como, por exemplo, no combate noturno da *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, 7.44 – a noite é uma circunstância temporal e o combate é uma ação”.

– “se em algum ponto ao longe as armas ressoaram”, v. 83), que chegam a atingi-lo.

Uma vez que referimos acima a “militarização” do ambiente agrário das *Geórgicas*, convém lembrar que algo parecido não constitui, de modo algum, um aspecto alheio à escrita de Grácio em seu *Cynegeticon*. Um artigo de J. Aymard (1938, pp. 325-326) chama-nos justamente a atenção para o fato de que abunda o vocabulário bélico nessa obra, inclusive no tocante à designação de animais, pois as presas de caça se dizem invulgarmente *hostes* em v. 30; v. 45; v. 152; v. 171; v. 185; v. 231; v. 236; v. 335; v. 354. Contudo, na passagem do *Cynegeticon* que acima transcrevemos, não notamos qualquer dignificação dos metagotes por essa via de empréstimo lexical a um campo semântico vizinho (do universo bélico, portanto), vindo a introduzir-se alguma mínima nota de “animosidade” na descrição canina apenas pela reminiscência da imagem da respiração das chamas (v. 270), a qual já caracterizava o potro em *Geórgicas* III, 85.

A INTERTEXTUALIDADE ENTRE OS *CYNEGETICA* (VV. 243-250) DE MARCO NEMESIANO E *GEÓRGICAS* III (VV. 75-88)

Quando falamos em abordagem “intertextual” para o estudo de textos antigos como aqueles que aqui nos interessam, é preciso lembrar que essa expressão tem sido compreendida, pela crítica moderna, de maneira distinta dos procedimentos atinentes à prática filológica da *Quellensforschung* (séc. XIX a inícios do XX). Segundo diferencia Vasconcellos (2001, p. 26 *et seq.*), enquanto aquela metodologia tradicional de pesquisa se identificava com o mero “mapeamento” das passagens de autores prévios que tinham sido incorporadas na reescrita por seus epígonos – caso, tipicamente, da procura de citações homéricas em Virgílio –, a ideia da “intertextualidade” antes diz respeito à busca de relações mais produtivas entre as obras que aludem e as que se ecoam.

Com efeito, remontando a um ensaio pioneiro de Giorgio Pasquali,¹⁷ o qual, embora ainda concedesse peso à ideia da “intencionalidade” do autor,¹⁸ já destacava “o papel ativo do leitor-decodificador”, Vasconcellos (2001, p. 29) refere terem-se aos poucos configurado os procedimentos da crítica intertextual para valorizar o “intertexto criado pela alusão, que não é mero

¹⁷ Pasquali, G. Arte alusiva. In: Pasquali, G. *Pagine stravaganti*: vol. II. Firenze: Sansoni, 1968 [1933], p. 276.

¹⁸ Vasconcellos, 2013, p. 241: “Pasquali, porém, dá uma ênfase arriscada à intenção do autor, como demonstra uma frase como ‘Vario intendeva certo M. Antonio, e a lui avrà voluto Virgilio che pensasse il suo lettore’. A questão da intenção do autor é um tema muito discutido”.

adorno, mas integra a significação”. Para que se produzam significados por via intertextual, acrescentamos, é sempre preciso que o leitor no mínimo reconheça as passagens correspondentes ao hipotexto da obra com a qual tem contato, sob pena de esse processo interpretativo apagar-se por inteiro.

Um exemplo dado pelo estudioso brasileiro de que um texto, manifestando-se em outro por sua presença, pode contribuir para a sutil construção significativa desse outro corresponde a certo efeito encontrável na elegia IX do livro III dos *Amores* ovidianos (VASCONCELLOS, 2001, pp. 56-57). Nela, que se entretetece como espécie de lamento pela morte do poeta Álbio Tibulo (54-19 a.C.), são apresentadas em disputa imaginária as duas amantes literárias – Délia e Nêmesis – desse predecessor elegiaco de Ovídio.

Assim, em v. 58 do poema citado, Nêmesis acaba por afirmar com segurança: *me tenuit moriens deficiente manu* – “foi a mim que ele segurou, ao morrer, com a mão desfalecente”.¹⁹ Ora, esses dizeres da cortesã aludem a vv. 59-60 da primeira elegia da coletânea tibuliana, na qual a personagem do amante que se identificava como Tibulo declarara a Délia: *te spectem, suprema mihi cum uenerit hora, / te teneam moriens deficiente manu* – “que eu te contemple, quando chegar para mim a hora derradeira, que eu te segure, ao morrer, com a mão desfalecente”.²⁰

Para Vasconcellos (2001, p. 57), na passagem ovidiana em jogo, as palavras “ditas” por Nêmesis contêm uma ironia, pois Ovídio comunicaria ali o simples fato de que, ao morrer, Tibulo compunha elegias cujo tema era essa outra amante, não Délia.²¹ Tal efeito irônico, operante *em sua plenitude* apenas para os conhecedores do hipotexto, consiste em Ovídio apresentar ao leitor Délia e Nêmesis como se estivéssemos diante de duas pessoas “de carne e osso”, que fazem provocações e disputam o amor de Tibulo inclusive depois de morto, quando na verdade divisamos nelas meros assuntos de poesia.

Dessa forma, o leitor atento não necessitaria do conhecimento do hipotexto para dar-se conta de que, em aparência falando a respeito de mulheres na elegia III, IX, Ovídio provavelmente teceu um comentário sobre o andamento da carreira tibuliana, no tocante aos diferentes temas seguidos pelo autor em épocas distintas. Contudo, o fato de que, segundo as palavras de Nêmesis em v. 58, tenha sido *ela* a companhia física de Tibulo (*Elegias* I, I, 59-60) na hora de sua morte, não a rival por cuja presença ele dissera ansiar nesse momento, reforça bastante uma situação de aparente rusga entre mulheres, já

¹⁹ Trad. P. S. de Vasconcellos (2001, p. 57).

²⁰ Trad. P. S. de Vasconcellos (2001, p. 57).

²¹ De fato, notamos que as elegias do ciclo de Nêmesis (livro II) se seguem, pela organização atual da coletânea tibuliana, àquelas do ciclo de Délia (livro I). Assim, caso a disposição atual desses ciclos corresponda, em sua sequência, à verdadeira época de escrita, ganhamos argumentos para o endosso da leitura de Vasconcellos.

disseminada ao longo do mesmo texto ovidiano.²² Nesse sentido, as palavras de Nêmesis, em Ovídio, ganham em dureza para o conhecedor do hipotexto/ Tibulo, já que correspondem ironicamente a lançar em rosto de Délia que ela, de fato, fora substituída como quem veio a satisfazer os últimos desejos do amante comum.

Passando à busca de efeitos semelhantes nos *Cynegetica* de Marco Nemesiano, primeiramente observamos que as fontes de “derivação” de conteúdos nessa obra não são únicas. Tem-se apontado, por exemplo, provável alusão ao *Cynegeticon* de Grácio Falisco na seguinte passagem dessa obra “sucessora” (ENK, 1917, pp. 61-62):²³

*Pondere nam catuli poteris **perpendere uires**
corporibus<que> **leues** grauibus praenoscerere cursu.*²⁴
(NEMESIANO, *Cynegetica* 138-139)

*Illius et manibus **uires** sit cura futuras
perpensare: leues deducet **pondere** fratres.*²⁵
(GRÁCIO FALISCO, *Cynegeticon* 298-299)

Esses trechos, em contextos referentes à criação de filhotes de cães, aproximadamente recomendam, em um e outro poema didático, que se use o peso dessas crias como via para medir-lhes as qualidades: os mais pesados, então, foram preferidos, devido ao vigor, por Grácio. Nemesiano, por sua vez, que tem em mente cães aptos a se tornarem bons corredores, também deve ter preferido os cachorrinhos de maior peso para esse fim: afinal, cachorros mais pesados quando pequenos “tendem” a tornar-se maiores na fase adulta, e animais maiores, como raciocina Heather Williams (1986, p. 173), “tendem” com o tempo a ter mais resistência para desenvolver velocidade.

²² Ovídio, *Amores* III, IX, 53: *Cumque tuis sua iunxerunt Nemesisque priorque/ oscula nec solos destituere rogos./ Delia descendens “felicis” inquit “amata/ sum tibi; uixisti, dum tuus ignis eram”./ Cui Nemesis: “Quid” ait “tibi sunt mea damna dolori?/ Me tenuit moriens deficiente manu”. – “E aos dos teus uniram seus beijos Nêmesis/ e tua primeira amante, não deixaram sozinha a pira./ Délia fala, descendo dali: ‘Com mais felicidade fui amada/ por ti; viveste, enquanto eu era tua chama’./ E Nêmesis responde: “Por que tu sofres com minhas perdas?/ Foi a mim que ele segurou moribundo, com mão enlanguescida” (trad. M. Trevizam).*

²³ Müller (1918, pp. 329-333 *apud* WILLIAMS, 1986, p. 173), porém, considera *Cynegeticon* 4.1-4.2 de Xenofonte como a verdadeira obra aludida por Nemesiano no par de versos que aqui lemos.

²⁴ Nemesiano, *Cynegetica* 138-139: “Poderás, pois, *medir pelo peso as forças* do cachorrinho/ e, pela massa corporal, prever *os ligeiros* nas corridas” (trad. M. Trevizam, grifos do autor do artigo).

²⁵ Grácio Falisco, *Cynegeticon* 298-299: “Encarrega-te também de *sopesar as forças* futuras dele,/ com tuas mãos: *pelo peso*, rebaixará *leves* irmãos” (trad. M. Trevizam, grifos do autor do artigo).

Sobre a significação intertextualmente constituída, é curioso notar que Grácio Falisco se estruturara para fazer com que o objetivo do tratador de cães – “sopesar-lhes as forças futuras” (*uires... futuras/ perpersare*, vv. 298-299) – antecedesse a maneira de obtê-lo (*leues deducet pondere fratres* – “pelo peso, rebaixará leves irmãos”, v. 299). Mas, em Nemesiano, o objetivo dessa personagem humana do contexto venatório – “prever os ligeiros na corrida” (*leues... praenoscerere cursu*, v. 139) – somente é apresentado depois da maneira de obtenção [*pondere... catuli... perpendere uires/ corporibus<que> grauibus* – “medir pelo peso as forças do cachorrinho e, pela massa corporal...”, vv. 138-139], como se fosse feito algum tipo de acerto no direcionamento encontrável em *Cynegeticon*, quanto à passagem ecoada: em outras palavras, passamos aqui de uma espécie de destaque posicional dos *fins* para o dos *meios*.

Efeitos intertextuais de mais nítidos contornos e alcance interpretativo, no entanto, devem mostrar-se quando cotejarmos, segundo anunciado no título da subseção, os próprios *Cynegetica* de Nemesiano (vv. 243-250) e *Geórgicas* III (vv. 75-88).²⁶ Antes de procedermos ao efetivo exame intertextual dessas duas passagens, convém que registremos algumas palavras a respeito do que parece ser o “sentido geral” dos *Cynegetica*. Peter Toohey, então, observa sobre semelhante quesito:

Nemesiano concebe sua poesia como uma alternativa aos males trazidos pela vida da cidade (acima de tudo, litígio e discórdia civil) e, curiosamente, como uma alternativa à poesia haliêutica. É nesse sentido agudo de retirada e isolamento psíquico que Nemesiano se assemelha a Opiano. (...) Nemesiano, como veremos (e como vimos), rejeita, embora monotonamente, a pressão da cidade e do envolvimento com o mundo. Ele recomenda o isolamento no interior de um mundo escapista da caça. O escapismo de Nemesiano é impulsionado por um ansioso desejo de consolo (e até mesmo ordem) em um universo aparentemente hostil.²⁷

Além de distinguir-se de Grácio Falisco pelo menor grau de acuidade técnica de seu pequeno poema didático (TOOHEY, 1996, p. 205), Nemesiano,

²⁶ A passagem virgiliana citada e empregada para análise é a mesma que comentamos no subitem anterior do artigo.

²⁷ Toohey, 1996, p. 205: “Nemesianus envisages his poetry as an alternative to the woe brought on by city life (above all litigation and civil discord) and, curiously, as an alternative to haliêutic poetry. It is in this pervasive sense of withdrawal and psychic sequestration that Nemesianus resembles Oppian. (...) Nemesianus, as we will see (and as we have seen), rejects the pressure, albeit in a humdrum manner, of the city and of engagement with the world. He recommends sequestration within an escapist world of the hunt. Nemesianus’ escapism is driven by an anxious desire for solace (and even order) in a seemingly hostile universe” (trad. M. Trevizam).

à diferença desse predecessor na literatura cinegética romana,²⁸ também se mostrou, em seu “escapismo” de caça, contrário a uma prática como a guerra, a qual soube rejeitar em conjunto com outros males, humanos ou não [ira, paixão e violência (vv. 15-47); vida litigiosa nas cidades (vv. 99-102); velhice (v. 117); falta de contenção de alguns animais domésticos (v. 179 *et seq.*)]. A rejeição da guerra em *Cynegetica*, especificamente, foi associada por Toohey (1996, p. 205) à recusa de Nemesiano a celebrar os feitos bélicos da casa imperial reinante, entre vv. 63-85.

Com efeito, Nemesiano compõe já no século III d.C., em um período datável como aquele entre a morte do imperador Marco Aurélio Caro (entre 282-283 d.C.) e a tentativa de ascensão de um de seus filhos, Carino, ao poder. Segundo o comentário de Williams (1986, p. 166), o termo *diui* a ele aplicado em v. 64 indica que já morrerá,²⁹ o que ocorreu em dezembro de 283 d.C. – e fora divinizado –, na ocasião em que o poeta escreve este poema didático. Caro teve dois filhos, Carino, mencionado nominalmente por Nemesiano (v. 70), e Numeriano.

De todo modo, Nemesiano deixa para um tempo posterior (*mox uestros meliore lyra memorare triumphos* – “logo eu me disporei a lembrar vossos triunfos com melhor lira”, v. 63) a celebração de tais personagens históricas e passa, a partir de v. 86, a fazer uma invocação à virgem caçadora, Diana, a fim de obter auxílio para o prosseguimento na obra de cantar as artes venatórias

²⁸ Toohey observa que Grácio, na verdade, retoma uma tradição já presente em Horácio quando conecta a caça e a guerra: “Horace thought that hunting was for gentleman, or at least men of substance. In the first poem of his book of *Odes* he lists a number of occupations and pastimes which are pursued by prominent Romans. Hunting is singled out. It is described as follows (*Odes* 1.1.25-8): ‘He lingers beneath cold skies./ The hunter, forgetful of his young wife./ Whether because a doe has been sported by his keen hounds./ Or because a Marsian boar has snapped his fine nets’. It is significant that Horace in the preceding lines juxtaposes hunting with military life. The army, in Rome, was one way for a young aristocrat to make his mark. Hunting, Horace’s poem imply, is a pursuit collateral to war. It reflects the aspirations and attitudes of a typical well-born Roman towards the state”. – “Horácio pensava que a caça era para cavalheiros ou, pelo menos, para homens de posses. No primeiro poema de seu livro das *Odes*, ele lista uma série de ocupações e passatempos que são exercidos por romanos proeminentes. A caça é escolhida. Descreve-se da seguinte forma (*Odes* 1.1.25-8): ‘Ele permanece sob céus frios./ O caçador, esquecido de sua jovem esposa./ Seja porque uma corça foi exibida por seus cães entusiasmados./ Seja porque um javali marso fez estalar suas belas redes’. É significativo que Horácio, nas linhas precedentes, alinhe a caça com vida militar. O exército, em Roma, era uma forma de um jovem aristocrata deixar sua marca. Caça, o poema de Horácio implica, é um exercício afinado com a guerra. Reflete as aspirações e atitudes de um típico romano bem-nascido, em relação ao Estado” (trad. M. Trevizam).

²⁹ Veja-se ainda Gibbon (2008, p. 167), a respeito dessa morte: “Seu sucessor, Caro, empreendeu uma grande e bem-sucedida campanha contra os persas até ser morto, ao que parece, por um raio; e o temor supersticioso do mundo antigo em relação a raios ocasionou a imediata retirada do exército romano da campanha persa” (trad. J. P. Paes).

à sua maneira. Essa maneira, temos dito, prescinde da associação entre caça e guerra, como se a primeira atividade fosse uma (melhor) alternativa para a outra, não um complemento, segundo entendeu Grácio Falisco.

Isso se evidencia intertextual e claramente, acreditamos, na passagem dos *Cynegetica* que desejamos pôr em cotejo com *Geórgicas* III, 75-88:

*Illis ampla satis leui sunt aequora dorso
immodicumque latus paruaeque ingentibus alui,
ardua frons auresque agiles capitisque decori* 245
*altus honos oculisque uago splendore micantes;
plurima se ualidos ceruix resupinat in armos;
fumant umentes calida de nare uapores,
nec pes officium standi tenet, ungula terram
crebra ferit uirtusque artus animosa fatigat.*³⁰ 250
(NEMESIANO, *Cynegetica* 243-250)

Continuo pecoris generosi pullus in aruis 75
*altius ingreditur et mollia crura reponit.
Primus et ire uiam et fluuios temptare minantis
audet et ignoto sese committere ponti
nec uanos horret strepitus. Illi ardua ceruix
argutumque caput, breuis aluus obesaque terga,* 80
*luxuriatque toris animosum pectus. Honesti
spadices glaucique; color deterrimus albis
et giluo. Tum, si qua sonum procul arma dedere,
stare loco nescit, micat auribus et tremat artus
collectumque fremens uoluit sub naribus ignem.* 85
*Densa iuba et dextro iactata recumbit in armo;
at duplex agitur per lumbos spina, cauatque
tellurem et solido grauius sonat ungula cornu.*³¹
(VIRGÍLIO, *Geórgicas* III, 75-88)

³⁰ Nemesiano, *Cynegetica* 243-250: “Têm a superfície suficientemente vasta no dorso suave,/ o lado desmedido e o ventre pequeno para quem é enorme./ a fronte elevada, as orelhas rápidas, a alta honra da bela/ cabeça e olhos que cintilam com um brilho vagante;/ a nuca, avantajada, dobra-se para trás sobre fortes espáduas;/ fumegam vapores úmidos das cálidas narinas, a pata/ não se mantém na obrigação de parar, o casco atinge a terra/ muitas vezes e intrépido valor fatiga os membros” (trad. M. Trevizam, grifos do autor do artigo).

³¹ Virgílio, *Geórgicas* III, 75-88: “Logo o potro de boa raça marcha mais altivo/ nos campos e avança as pernas flexíveis. Primeiro/ ousa pôr-se a caminho, experimentar rios ameaçadores/ e entregar-se a uma ponte desconhecida, nem se apavora/ com ruídos sem importância. Tem a nuca alta/ e a cabeça afilada, o ventre pequeno, o dorso gordo,/ o peito intrépido abunda em músculos. Bons os baios/ e de olhos verdes, a pior cor têm os brancos e o cinza-escuro./ Então, se em algum ponto ao longe as armas ressoaram,/ não sabe parar no lugar, remexe as orelhas, faz tremer/ os membros e, fremente, revolve sob as narinas o fogo recolhido./ A crina é densa e pende lançada na espádua direita;/ mas a espinha se estende dos dois lados pelos lombos/ e a pata escava a terra e ressoa forte com o casco duro” (trad. M. Trevizam, grifos do autor do artigo).

Detalhes como os que destacamos em negrito, relacionados, em Nemesiano, a apresentar os cavalos uma “fronte elevada” (*ardua frons*, v. 245), mas, em Virgílio, a “nuca alta” (*ardua ceruix*, v. 79), e a terem, no primeiro autor, “ventre(s) pequeno(s)” (*paruae alui*, v. 244) e, no outro, quase a mesma anatomia (*breuis aluos* – “ventre pequeno”, v. 80), contribuem para configurar as duas descrições físicas como um conjunto parecido. Ainda no que se refere aos traços anatômicos dos equinos, os dois escritores mencionaram alguma parte próxima à cabeça, bem como a(s) espádua(s) do(s) animal(-is), sendo essa parte a “nuca avantajada” para Nemesiano (*plurima ceruix*, v. 247) e “a crina densa” para Virgílio (*densa iuba*, v. 86).

Ademais, ao abordarem esses poetas os gestos referidos a tais cavalos, sempre vinculam o fôlego ao calor, seja falando Nemesiano dos “vapores úmidos” que “são fumegados” (*fumant... umentes uapores*, v. 248), seja mencionando Virgílio o “fogo recolhido” (*collectumque... ignem*, v. 85). As chances de “emparelharmos” os gestos dos cavalos que aborda o último poeta e daqueles dos *Cynegetica* continua, pois Nemesiano apresenta um “casco” a “atingir a terra” (*ungula terram... ferit*, vv. 249-250), enquanto Virgílio tinha dito que “a pata escava a terra” (*cauatque/ tellurem ungula*, vv. 87-88).

Semelhanças à parte, a visão intertextual também é capaz de revelar-nos importantes diferenças entre os pressupostos de Nemesiano e Virgílio, nos trechos dados. Primeiro, fazemos notar que a passagem virgiliana correspondente a vv. 75-79 (para o último verso, até *strepitus*) não apresenta exatamente um correlato no autor dos *Cynegetica*. Por outro lado, sem referir-se às cores dos cavalos ideais, como Virgílio fizera em vv. 81-83, no final Nemesiano também omite qualquer referência às “armas” (*arma*) de *Geórgicas* III, 83 e às “orelhas remexidas” (*micat auribus*, v. 84) da mesma obra,³² limitando-se a dizer que “a pata não se mantém na obrigação de parar, (...) e intrépido valor *fatiga os membros*”,³³ em alusão apenas aproximada a esse autor.³⁴

Ora, apesar da manutenção *aproximada*, por Nemesiano, de uma imagem incluída na parte mais “bélica” da descrição virgiliana do cavalo – referimo-nos à ideia do “fumegamento” de vapores em v. 248 de *Cynegetica* –, não se pode dizer que sua própria caracterização dos equinos seja tão “épica”

³² O que *micat* (neste caso, “cintila”) em Nemesiano são os “olhos” equinos (v. 246); ainda, as “orelhas” são “rápidas” (*aturesque agiles*, v. 245) nesse poeta. Como se vê, ele parece ter desdoblado e re combinado livremente a imagem contida em *micat auribus* de *Geórgicas* III, 84.

³³ Nemesiano, *Cynegetica* III, 249-250: *Nec pes officium standi tenet (...)/ (...)* *uirtusque artus animosa fatigat* (trad. M. Trevizam).

³⁴ Virgílio, *Geórgicas* III, 84: *Stare loco nescit, micat auribus et tremit artus*. – “Não sabe parar no lugar, remexe as orelhas, faz tremer/ os membros” (trad. M. Trevizam, grifos do autor do artigo).

quanto a de Virgílio por faltar-nos, desta vez, maior ênfase na coragem dos animais, algo muito bem conduzido pelo autor das *Geórgicas* em III, 75-79. Ainda, o apagamento supracitado da expressão *arma* (“armas”, v. 83), com muito da cena guerreira do entorno,³⁵ contribui para apaziguar os ânimos e a caracterização dos cavalos idealizados por Nemesiano, apesar de uma *animosa uirtus* (“intrépido valor”, v. 250) que, imaginamos, decididamente se destina nesse poeta para façanhas de caça nos “campos abertos” (*camposque patentes*, v. 48), não para a guerra.

Por via intertextual e devido à sua visão bastante “recreativa” da caça (TOOHEY, 2004, p. 247 *et seq.*), portanto (a qual acaba por refletir-se inclusive na caracterização dos seres nela envolvidos, humanos e não humanos), o poeta dos *Cynegetica* parece realizar uma espécie de “correção”³⁶ de certas ideias de Virgílio e, indiretamente, Grácio Falisco, no tocante à maior aquiescência e espaço à belicosidade por eles concedidos nos respectivos versos de *Geórgicas* III e *Cynegeticon*. Similarmente ao que dissemos quando foram comentados os efeitos intertextuais de Tibulo (*Elegias* I, I, 59-60) sobre *Amores* III, IX, 58, porém, entrevê-se através dos mecanismos de significação analisados no intertexto *Cynegetica-Geórgicas* uma espécie de reforço para algo já sabido de todo leitor atento de Nemesiano, ou seja, que suas concepções de poeta didático se orientam para um escapismo bastante alheio a algo como a sanha guerreira dos antigos romanos.

³⁵ Cena essa a incluir barulhos (*sonum... procul dedere* – “ao longe ressoaram”, v. 83), o estremecimento do corpo equino (*tremet artus* – “faz tremer os membros”, v. 84) e mesmo um mais intensivo “fogo recolhido” (*collectumque... ignem*, v. 85), não os “vapores” encontráveis em Nemesiano.

³⁶ A noção de que um poeta posterior, voltando os olhos para um prévio, que incorpora à sua própria obra, possa de algum modo estar “melhorando” ou “desenvolvendo” aspectos apenas embrionários desse predecessor foi sugerida por Hinds (1998, p. 106) a propósito dos elos a envolverem, intertextualmente, Ovídio, autor das *Metamorfoses*, e Virgílio, autor inclusive da *Eneida*: “There is a *Metamorphoses* latent in the *Aeneid*, Ovid’s treatment tells us: in Circe and in the biform Scylla, as also in the transformation of Diomedes’ companions into birds. But in Virgil these myths are fragmented, scattered, unresolved: not until Ovid’s own poem are they gathered into perfection and system”. – “Há *Metamorfoses* latentes na *Eneida*, diz-nos o tratamento de Ovídio: em Circe e na biforme Cila, bem como na transformação dos companheiros de Diomedes em pássaros. Mas, em Virgílio, esses mitos são fragmentados, dispersos, não resolvidos: não, até o próprio poema de Ovídio, estão reunidos perfeita e sistematicamente” (trad. M. Trevizam). No caso da obra de Nemesiano de que tratamos, a ideia de um “avanço” diante da poesia didática pregressa, a ter em alguma medida o campo como tema, pode ser considerada o inverso da estratégia ovidiana aludida, em sua face de um gesto crítico quanto ao legado do Virgílio da *Eneida*. Assim, foi justo por *eliminar* traços da descrição dos equinos em *Geórgicas* III, 75-88 – não juntando-os ou desenvolvendo – que Nemesiano, em *Cynegetica* 243-250, tentou corrigir e afirmar-se como poeta de algum modo “melhor”, porque isento de introduzir um “indesejável” militarismo em sua obra.

CONCLUSÃO

Os dados que foram apresentados e discutidos permitem verificar que, no tocante às abordagens descritiva e intertextual, autores como Grácio Falisco e Nemesiano puderam afirmar-se diante do legado referente ao livro III das *Geórgicas* de Virgílio. Então, o primeiro autor, oferecendo traços da raça canina dos metagontes em *Cynegeticon* 169-278, soube dar curso a uma descrição sem dúvida detalhada e de certa sistematicidade, mas, no cotejo com Virgílio – *Geórgicas* III, 75-88 –, bem menos animada por aspectos do “caráter” do ser em jogo; esse caráter pendia para a coragem no “retrato” do potro virgiliano, como caberia a quaisquer guerreiros em campo de batalha.

Por sua vez, Nemesiano, em claro diálogo intertextual com essa passagem de Virgílio, quando se pensa na elaboração que concedeu a *Cynegetica* 243-250, conseguiu servir-se de várias aproximações anatômicas entre seus cavalos ideais – para a caça – e o animal de mesma espécie tal como antes abordado pelo poeta das *Geórgicas*, a fim de reafirmar o próprio compromisso com a paz e o alheamento às grandes ambições e conflitos da Urbe.

Assim se oferece ao crítico desses três textos a possibilidade de divisar, em Virgílio, um poeta capaz de agregar rica carga semântico-ideológica inclusive às suas “meras” descrições zoológicas; em Grácio, talvez, os contornos de um incisivo e menos nuançado “tratadista”; em Nemesiano, enfim, um autor ávido por afirmar-se como quem pensa e se estrutura, em razoável grau, à parte das concepções sobre a caça (ou sobre a vida no campo) que caracterizaram as obras de seus predecessores didáticos em Roma.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, John Kinloch (1985). *Hunting in the ancient world*. Berkeley: University of California Press.
- AYMARD, J. (1938). À propos de Grattius. *Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire Anciennes*, Paris, vol. 12, pp. 325-329.
- BRUNHARA, Rafael (2015). *Enárgeia* e poesia grega arcaica. *Letras Clássicas*, São Paulo, vol. 19, n. 2, pp. 43-54.
- CATÃO. *Da agricultura* (2016). Trad., introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp.
- DALZELL, Alexander (1996). *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto: University of Toronto Press.
- ENK, P. J. (1917). De Grattio et Nemesiano. *Mnemosyne*, Leiden, vol. 45, pp. 53-68.
- GIBBON, Edward (2008). *Declínio e queda do Império romano*. Trad. J. P. Paes. São Paulo: Cia. das Letras.
- GRATTIUS FALISCUS (1982). *Cynegeticon*. In: PUBLILIUS SYRUS *et alii. Minor Latin poets*: vol. I. Trans. by J. W. Duff and A. M. Duff. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, pp. 143-208.

- GRIFFIN, Jasper. The fourth *Georgic*, Virgil and Rome. *Greece and Rome*, Cambridge, second series, vol. 26, n. 1, pp. 61-80, 1979.
- HINDS, Stephen (1998). *Allusion and intertext: dynamics of appropriation in Roman poetry*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LUCRETIUS (2009). *Lucreti De rerum natura*. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit Cyrillus Bailey. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano.
- MILES, Gary B. (1980). *Virgil's Georgics: a new interpretation*. Berkeley: University of California Press.
- MORGANTI, Bianca Fanelli (junho de 2008). A morte de Laocoonte e o Gigante Adamastor: a éfrase em Virgílio e Camões. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, n. 1, pp. 1-13.
- MOYA, Francisca (2007). Poesia “menor”: siglos I y II d.C. In: CODONER, Carmen. (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, pp. 449-492.
- MÜLLER, F. (1918). Ad Nemesianum. *Mnemosyne*, Leiden, vol. 46, pp. 329-333.
- NEMESIANUS (1998). *Cynegetica*. In: FLORUS et alii. *Minor Latin poets*: vol. II. Trans. by J. W. Duff and A. M. Duff. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, pp. 484-512.
- OVIDE. *Les amours* (2002). Texte établi et trad. par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Lettres.
- OVÍDIO (2009). *Cartas Pônticas*. Trad., introdução e notas de Geraldo José Albino. São Paulo: Martins Fontes.
- PASQUALI, Giorgio (1968) [1933]. Arte alusiva. In: PASQUALI, Giorgio. *Pagine stravaganti*: vol. II. Firenze: Sansoni, pp. 275-282.
- RODOLPHO, Melina (2014). Écfrase e evidência. *Letras Clássicas*, São Paulo, vol. 18, n. 1, pp. 94-113.
- THOMAS, Richard F. (1997). *Virgil: “Georgics” – vol. II, books 3-4*. Edited with a commentary by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press.
- TIBULLE (1955). *Tibulle et les auteurs du corpus tibullianum*. Texte établi et trad. par Max Ponchont. Paris: Les Belles Lettres.
- TOOHEY, Peter (2010). *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/New York, Routledge.
- TOOHEY, Peter (2004). *Passing time: hunting, poetry and leisure*. In: TOOHEY, Peter. *Melancholy, love and time: boundaries of the self in ancient Literature*. Ann Arbor: University of Michigan Press, pp. 222-257.
- VARRÃO (2012). *Das coisas do campo*. trad., introd. e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de (2001). *Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/FAPESP.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de (2007). Reflexões sobre a noção de “arte alusiva” e de intertextualidade no estudo da poesia latina. *Classica*, Belo Horizonte, vol. 20, n. 2, pp. 239-260.
- VERDIÈRE, Raoul (1964). *Poetae bucolici Cynegeticique minores: première partie – Gratti Cynegeticon Libri I quae supersunt (vol. II, commentaire par Raoul Verdrière)*. Wetteren: Universa.
- VIRGIL (2003). *Georgics*. With a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press.
- VIRGILE (1998). *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres.
- WILLIAMS, Heather J. (1986). *The “Eclogues” and “Cynegetica” of Nemesianus*. Edited with introduction and commentary. Leiden: E. J. Brill.